

Para além da autobiografia: crise da subjetividade e fratura da forma no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*

[*Beyond the autobiography: crisis of subjectivity and fracture of the form in “Recordações do escrivão Isaías Caminha”*]

Alexandre Juliete Rosa¹

[FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Ceila Maria (Org.). *Lima Barreto, caminhos de criação: Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Edusp, 2017.

Em 1907, o escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) e alguns intelectuais seus companheiros fundaram a revista literária *Floreal*. O periódico tinha como um de seus desígnios “poder levar adiante este tentâmen de escapar às injunções dos mandarinos literários, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulário das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insólito no momento atual”². Lima foi o responsável por redigir o texto de abertura da revista, donde vem a citação acima, além de estampar alguns capítulos iniciais de seu romance de estreia – *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Embora não indo além dos quatro primeiros números, a *Floreal* chamou a atenção de um dos principais críticos da época, José Veríssimo, que a ela teceu alguns elogios em sua coluna no *Jornal do Comércio*³.

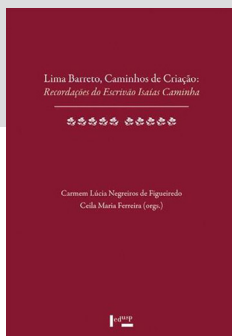
ROSA, Alexandre Juliete. Para além da autobiografia: crise da subjetividade e fratura da forma no romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 68, p. 241-247, dez. 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi68p241-247>

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 181.

3 Lima Barreto chegou a publicar na “Breve Notícia”, que abre as páginas da segunda edição de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1917), as observações feitas por Veríssimo acerca da *Floreal* e das páginas iniciais de seu romance de estreia. Ver em: BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Edusp, 2017, p. 126.



Lúcia Miguel Pereira considerou o empreendimento de Lima Barreto e seus amigos como “um sintoma de reação” ao meio estéril em que havia caído a literatura do período. A respeito dos primeiros capítulos do *Isaiás Caminha*, a estudiosa observa que, em meio à superficialidade da literatura de então, aquelas páginas iniciais do romance “ressoavam subitamente, com voz áspera e amarga, o drama interrompia a opereta, a revolta surgia do meio da amenidade, um atormentado reclamava o direito de se fazer ouvir dos descuidados”⁴.

A efemeridade da *Floreal* não significou, no entanto, a desistência de Lima Barreto; aquilo que apenas tinha sido esboçado na revista, o início de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, veio à tona no final de 1909, com a publicação do texto em sua totalidade. O livro foi editado em Portugal por A. M. Teixeira e chegou ao Brasil no final de 1909. Posto à venda em dezembro daquele ano, já no ano seguinte Lima Barreto volta a “ser notado”. Os ataques ferinos do *Isaiás Caminha* aos grandes figurões do jornalismo e da literatura do período renderam a seu autor o título de *persona non grata* nos principais jornais e revistas do Rio de Janeiro⁵. Conforme avaliou Jeffrey D. Needell, em vez de estrear com um épico escrito em estilo grandioso e impressionante, como fizera Euclides da Cunha, “Lima Barreto anunciou sua presença com uma sátira social e cultural da própria gente que determinava o sucesso literário”⁶.

Nestes breves comentários já podemos observar duas linhas interpretativas que se tornaram uma constante na crítica que foi sendo feita em relação à obra de estreia de Lima Barreto: por um lado, a voz “áspera e amarga” de um “atormentado” que se insurge e reclama “o direito de se fazer ouvir”⁷; por outro, “uma sátira social”⁸ é

4 PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira – Prosa de ficção (1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950, p. 283.

5 Para uma leitura completa e minuciosa de todo o processo que envolveu a publicação desse livro, ver os capítulos V – “Isaiás Caminha” e VI – “Julgamentos” – em: BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 158-184.

6 NEEDELL, Jeffrey, D. *A belle époque tropical*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993, p. 258.

7 PEREIRA, Lúcia Miguel, op. cit. p. 283.

8 NEEDELL, Jeffrey, D., op. cit., p. 258.

direcionada contra aqueles “mandarinatos literários”⁹ que se outorgavam o direito de decretar o que era ou não válido em literatura.

Esse modo de compreender as *Recordações* fez com que o livro ora aparecesse como um grande painel autobiográfico, ora como testemunho vivo e mordaz de um período histórico turbulento. Muitos consideraram o autor um tanto quanto “descuidado com a pena”, indiferente às regras do bem escrever, apressado, relaxado. Francisco de Assis Barbosa, grande biógrafo do escritor, já chamava atenção, em 1952, para a necessidade de encarar a literatura de Lima Barreto para além do drama íntimo nela incorporado – drama que o perseguiu por toda a vida, fruto do racismo, da pobreza, do uso imoderado do álcool – pois existe, também, uma “filosofia estética”¹⁰ operando na produção do autor.

No âmbito da crítica especializada em Lima Barreto, pouco se tem observado em relação a essas questões levantadas por Assis Barbosa. São raros os trabalhos que não optam por encarar sua ficção ou em função de sua biografia, ou se utilizando de sua prosa para construir amplos painéis críticos acerca do período conhecido como a República Velha.

O trabalho realizado por Carmem Negreiros e Ceila Fernanda, cuja primeira etapa resultou no livro *Lima Barreto, caminhos de criação: Recordações do escrivão Isaías Caminha*, investe em outro roteiro de leitura, pretendendo “preencher uma lacuna em torno dos romances de Lima Barreto” (p. 7). Trata-se da primeira edição crítica do romance de estreia do autor. No entanto, o empreendimento das pesquisadoras vai muito além do estabelecimento do texto crítico, o que por si só já seria digno de nota. A “Leitura crítica”, realizada por Carmem Lúcia no livro em análise, lança um novo e instigante olhar para esse romance que ainda nos dias de hoje é encarado apenas sob a perspectiva autobiográfica e/ou como um *roman à clef*, ou seja, como um romance de segunda ordem¹¹.

Autobiografia e sátira à imprensa foram dimensões exploradas ainda na época das primeiras recepções críticas ao livro. Estas aparecem sintetizadas em carta enviada pelo próprio José Veríssimo a Lima Barreto, em 5 de março de 1910, na qual o crítico aponta o que seria um defeito grave no livro – “o seu excessivo personalismo”¹². Há também que condenar, no julgamento de Veríssimo, “a cópia, a reprodução, mais ou menos caricatural, de tipos, situações, estados d’alma”, que podem, por sua vez, “agradar a malícia dos contemporâneos, que põem um nome sobre cada pseudônimo,

9 BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*, op. cit., p. 181

10 BARBOSA, Francisco de Assis, op. cit.

11 Tal foi a leitura empreendida por Medeiros e Albuquerque, em artigo para o jornal *A Notícia* de 15 de dezembro de 1909, ao considerar o livro “um mau romance e um mau panfleto [...] porque é da arte inferior dos *romans à clef*”. MEDEIROS E ALBUQUERQUE apud BARBOSA, Francisco de Assis, op. cit., p. 181. Na recente biografia escrita por Lília Moritz Schwarcz, o *Isaías Caminha* volta a ser interpretado na qualidade de um *roman à clef*. SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto, triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017 (ver o Capítulo 8, “O jornalismo como ficção: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*”, p. 210-237).

12 Carta de Veríssimo a Lima Barreto, 5 de março de 1910. BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 204.

mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras”¹³.

Intelectuais como Antônio Noronha Santos, grande amigo de Lima Barreto, e Gondin da Fonseca chegaram a divulgar aquela que seria “a chave” do romance, ou seja, os verdadeiros nomes das personalidades-alvo da sátira barretiana. Não é demais recordar que, de acordo com Assis Barbosa, “de todas as restrições da crítica ao seu livro, a que mais magoou o escritor foi terem considerado a sua obra de estreia um romance à *clef*”¹⁴.

Evidentemente que desconsiderar elementos tão evidentes na fatura do romance seria forçar um pouco a nota. Não é este o percurso proposto por Carmem Lúcia em “Leitura crítica: crise do romance, crise do sujeito, em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*”; o personalismo presente no *Isaías Caminha* bem como as diatribes dirigidas contra a imprensa e seus principais expoentes apontam, de acordo com a pesquisadora, para questões mais significativas que giram em torno da “tendência subversiva do romance como gênero” (p. 33).

Ao interpretar o livro no contexto mesmo de sua época de feitura, levando em consideração alguns vetores de maior abrangência – a conjuntura social, histórica e cultural mais ampla do período –, a autora investiga as transformações pelas quais a ideia de subjetividade vinha passando no início do século passado, bem como a maneira pela qual Lima Barreto toma partido nesse movimento.

Para dar conta de tal leitura, Carmem Lúcia aposta na ideia de um contrato firmado entre o romance e o leitor, “obrigando-o a transitar no espaço instável entre narrador e autor, entre literatura e vida, em um texto ambíguo que congrega princípios antitéticos” (p. 14). Assim, o romance passa a ser visto não mais como uma autobiografia literária e sim sob a perspectiva desse “pacto ambíguo”¹⁵, que, de acordo com a pesquisadora,

[...] não é resultado de especulação prévia ao texto, movida pela síndrome da novidade, mas pela reflexão acerca dos contornos culturais externos que ampliam os processos de subjetivação expostos no romance, tanto quanto o estudo da obra em sua organização interna e o diálogo com a tradição (p. 16).

A história composta de um elevado teor introspectivo por parte do narrador-personagem tenciona aquilo que a pesquisadora denominou de “movimento cultural contraditório”, que vinca sobretudo o primeiro movimento do romance. De um lado, o discurso aparentemente inclusivo e democrático, produzido no âmbito da ideologia do republicanismo, caminhando *pari passu* com sua imediata impossibilidade de realização prática. Nas palavras da pesquisadora, podemos tomar como um bom exemplo dessa contradição o fato de a “relativa democratização da

13 Ibidem, p. 204.

14 BARBOSA, Francisco de Assis, op. cit., p. 183.

15 A ideia de pacto ambíguo é tomada à teoria do espanhol Manuel Alberca. ALBERCA, Manuel. *El pacto ambiguo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

leitura” não ter significado “oportunidade para todos, porque a sociedade permanece excludente, oligárquica e clientelista” (p. 16).

É no interior desse cenário ideológico contraditório que o jovem Isaías deixa sua cidade interiorana do estado do Espírito Santo e vai tentar a vida no Rio de Janeiro. A série de reveses que sofre o personagem vai aos poucos minando os sonhos que trouxera desde o dia de sua partida. Observemos esta passagem:

É bem fácil de imaginar com que sorte de cogitações eu ia passando esses dias. O meu dinheiro dentro em breve, pago o hotel, ficaria reduzido a alguns mil-réis insignificantes. Não conhecia ninguém, não tinha a menor relação que me pudesse socorrer, dar-me qualquer cousa, casa ao menos, até que me arranjasse. Saíra de meus penates, cheio de entusiasmo, certo de que aquela carta, mal fosse apresentada, me daria uma situação qualquer.

Foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e donde tire vida; eu era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda a hora esmagado pela menor pressão¹⁶.

O parentesco com a tradição realista do século XIX está presente – até certo ponto – na arquitetura formal das *Recordações*, conforme aponta Carmem Lúcia: “a trajetória de formação do jovem, sua busca de êxito e realização social; a experiência urbana, tema significativo também ao romance modernista; e a proposta de ‘memórias’, frequente nos títulos de romances da literatura brasileira” (p. 82), são alguns dos elementos que o autor mobiliza em diálogo com escritores tais como Balzac das *Ilusões perdidas*, Stendhal de *O vermelho e o negro* e Flaubert de *A educação sentimental*.

A cidade grande, tanto nos romances da tradição realista quanto no *Isaías Caminha*, aparece como campo de tensão para a formação da subjetividade. É a partir da relação entre personagem e paisagem urbana que devemos procurar o encaminhamento que o narrador dá à história: “é preciso observar como a relação do protagonista com a cidade pode interferir ou justificar a maneira de condução da narrativa” (p. 54). Os mecanismos responsáveis por fomentar aquilo que Carmem Lúcia identificou como “crise da subjetividade” estão dispostos na cidade grande: os impactos da modernização da cidade do Rio de Janeiro desorganizam a experiência sensível do jovem interiorano.

A impossibilidade de acesso às benesses propagandeadas pela ideologia do republicanismo liberal faz com que a representação da consciência da personagem a todo momento se volte para si mesma, para sua verdade interior, diante do confronto com a sociedade. Tal movimento introspectivo acaba por introduzir na arquitetura formal do romance – como vimos, tomada à tradição realista do século XIX – um gradativo deslocamento da perspectiva épica, seguido de expansões quase líricas por parte do narrador. De acordo com Carmem Lúcia, tais características, ao mesmo tempo que aproximam as *Recordações* das

16 BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, op. cit., p. 167-168.

principais referências do realismo do século XIX, “renovam o romance do início do século XX e alcançam os nossos dias” (p. 82).

Mesmo desejoso de mostrar aos leitores o poder de sedução da literatura, os limites e a força de quem escreve e as funções que lhe são atribuídas pela sociedade, à maneira de esclarecimento e orientação, Lima Barreto reconhece a necessidade de inovar a forma, em um diálogo tenso com a tradição. Por isso, reencontra o rompimento na linearidade da ação e a fabulação do eu do autor apresentado por Stendhal, a inserção do detalhe e da banalidade cotidiana em Balzac e o traço psicológico de Flaubert. Apropria-se de seus recursos para, modificando-os, renovar o romance (p. 85).

Por isso, as leituras que compreendem a obra somente como autobiografia, como crítica social, como sátira às teorias cientificistas e raciais, como denúncia à opressão e ao preconceito ou como painel crítico da imprensa – focando apenas um desses aspectos – retiram da narrativa sua hibridez e complexidade (p. 87).

A forma tradicional do romance que narra a trajetória ligada à autorrealização das personagens e suas peripécias está presente nas *Recordações*, mas sem a possibilidade de se concretizar plenamente, diríamos, por uma impossibilidade estrutural própria à sociedade brasileira daquele tempo. O itinerário proposto a partir da “Leitura crítica: crise do romance, crise do sujeito, em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*” perfaz a tese desenvolvida por Adorno quando afirma que, “quanto mais alto o nível, menos contingentes as fraquezas artísticas de uma obra. Estas deixam de remeter a limitações do autor, para indicarem impossibilidades objetivas, cujo fundamento é social”¹⁷.

A fratura da forma, então, longe de se radicar numa incapacidade do autor, aponta a um só tempo para os impasses históricos típicos da sociedade brasileira recém-saída da escravatura e as soluções estéticas buscadas por Lima Barreto. *Lima Barreto, caminhos de criação* dá um passo decisivo nesse caminho e oferece um horizonte interpretativo de largo alcance para a compreensão de um autor que aponta inequivocamente para a renovação da prosa literária brasileira do século XX.

O trabalho de edição crítica vem somar com esse itinerário proposto por Carmem Lúcia. No caso das obras de Lima Barreto, as edições e estudos críticos – a crítica textual/genética propriamente dita – são de fundamental importância, sobretudo por conta dos descaminhos editoriais que incidiram ao longo dos anos sobre os livros do autor. Nas palavras de Ceila Ferreira em “Introdução crítico-filológica” (p. 96):

[...] o que pudemos constatar examinando a cópia do manuscrito e das edições de *Isaiás Caminha* publicadas em vida do autor é que Lima Barreto modificou (e muito) o texto do romance até a última edição saída em sua vida, a de 1917, o que pode ser verificado a partir do cotejo dessas publicações.

17 SCHWARZ, Roberto. Questões de forma. In: _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012, p. 171. (Coleção Espírito Crítico).

Trata-se de mais um dado para podermos contra-argumentar a tese do “escritor desleixado”. Há muito ainda o que desconstruir no interior de certa tradição interpretativa que se firmou em torno de Lima Barreto. Passado o entusiasmo da redescoberta – muito em virtude da homenagem prestada ao escritor durante a 15ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2017, e da própria crise política que se instaurou no Brasil nos últimos anos –, é tempo de voltarmos nossas atenções também para o empreendimento estético levado a cabo pelo autor, que o coloca no lugar de grande porta-voz do movimento modernista de 1922, mas sem os mesmos louros que os participantes deste receberam.

SOBRE O AUTOR

ALEXANDRE JULIETE ROSA é educador no Serviço Social do Comércio (Sesc-SP) e mestre em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP).
E-mail: alexandre.j.rosa@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERCA, Manuel. *El pacto ambiguo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. *Correspondência ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Edusp, 2017.
- NEDELL, Jeffrey, D. *A belle époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira – prosa de ficção (1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto, triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012. (Coleção Espírito Crítico).